

ESTUDO DA CORRELAÇÃO ENTRE SINTOMAS DE DEPRESSÃO E A PERDA FUNCIONAL EM PACIENTES PÓS-ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL

GUARANY, Nicole Ruas ¹, CRUZ, Otávio Martins Cruz ²; RODRIGUES, Rahiza Bueno ²; FARIAS ², Andressa Gomes e Silva; HENRIQUE, Luana ²

nicole_ruas@yahoo.com.br

¹ Professora Auxiliar do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas

² Acadêmicos do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas

1 INTRODUÇÃO

Em alguns estudos o prejuízo funcional causado pelo AVC configura-se como o grande precursor da depressão demonstrando uma forte associação entre a incapacidade de realizar suas atividades de vida diária independentemente e a sintomatologia depressiva (OMS, 2003).

A depressão é considerada umas das complicações mais importantes no indivíduo acometido por um AVC. Sua presença pode interferir no processo de reabilitação do paciente, estando associada à desabilidade física e comprometimento funcional. Além disso, depressão é a reação ao AVC relatada com mais freqüência, havendo estudos que projetam uma média de 33 a 50% de pacientes que desenvolvem depressão e requerem tratamento (SILVA, 2005).

A Terapia Ocupacional no Acidente Vascular Cerebral tem como objetivo recondicionar o sistema motor, bem como a sua sensibilidade e motricidade, ajudando também nos aspectos psicológico e social do indivíduo, para que haja uma melhora na qualidade de vida do mesmo. Isso tudo influenciará nas suas Atividades de Vida Diária (AVD's) e Atividades de Vida Prática (AVP's) neste novo momento da vida em que se encontra (TEIXEIRA, 2003).

Neste sentido a Terapia Ocupacional está ligada a este trabalho não somente para expor seus conceitos em reabilitação física, sua avaliação e compreensão das (in) capacidades funcionais do sujeito, mas também para demonstrar o quanto esta profissão é importante para observar como os indivíduos lidam com suas limitações e de que forma estas interferem em sua vida (MACHADO, 2005).

Este estudo visou estudar a correlação entre os sintomas de depressão em pacientes pós acidente vascular cerebral

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada no Setor de Terapia Ocupacional do Serviço de Fisiatria e Reabilitação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

Este estudo caracteriza-se como transversal constatando uma amostra de 20 pacientes com diagnóstico de acidente vascular cerebral com idade entre 30 e 80 anos e de ambos os sexos. Foram utilizadas duas escalas de avaliação (Medida de Independência Funcional (MIF) e Inventário de Depressão de Beck (BDI), uma para traçar o nível funcional e outra para avaliar sintomas depressivos, respectivamente. Além disso, foi aplicado um questionário de avaliação subjetiva, o qual foi relacionado a estas duas avaliações descritas anteriormente.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo quanto à análise de dados referente ao questionário subjetivo e quantitativo quanto ao coeficiente obtido na avaliação funcional (MIF) e quanto aos sintomas de depressão (BDI). Para realização desta pesquisa escolheu-se o método de entrevistas. Este método consiste na coleta de informações relatadas fidedignamente pelo paciente juntamente com a observação situacional e a documentação dos dados obtidos de gravações.

Após transcrição na íntegra do material proveniente das gravações em áudio, realizou-se a análise das entrevistas, conforme orientação das questões norteadoras abordando, assim, suas repercussões na vida diária, assim como a intervenção da Terapia Ocupacional.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compuseram o estudo 11 (55%) homens e 9 (45%) mulheres com idade média de 55,5 anos, a pontuação geral para capacidade funcional no instrumento MIF foi 107,10 pontos caracterizando uma Dependência Modificada e no instrumento BDI 17,88 pontos caracterizando Depressão leve à moderada. Os dados qualitativos demonstram forte associação entre a perda da capacidade funcional para realizar atividades de vida diária (AVD), atividades de vida prática (AVP) e o abandono do trabalho com sintomas depressivos, sendo referido sentimento de tristeza, raiva, frustração e dificuldades em aceitar as incapacidades adquiridas com a doença.

A associação de predomínio de sexo não foi significativa pelo pequeno número da amostra e pela semelhança de quantidade, 11 homens (55%) e 9 mulheres (45%), Neste estudo observou-se a semelhança entre a quantidade de homens e mulheres, assim como em um estudo realizado na cidade de Recife onde a distribuição por sexos correspondeu a 52% de homens e 48% de mulheres. (FALCÃO, 2004).

A MIF apresentou os escores distribuídos em apenas dois itens de caracterização de independência funcional: *Independência Modificada*, 65% dos pacientes, e *Dependência Modificada (auxílio de 25% nas atividades)*, 35% dos pacientes, apresentando uma média de 107,10 pontos. Esta classificação apresenta os pacientes acometidos por AVC com poucas dificuldades em realizar suas atividades do dia-a-dia, apesar do protocolo de avaliação utilizado ser bastante específico não foi possível encontrar um único domínio em que os pacientes possuíssem uma maior dificuldade para realizar pelas semelhanças encontradas nas respostas.

Um estudo realizado em Portugal com 26 pacientes acometidos por AVC utilizando o Índice de Barthel para verificar a capacidade funcional dos indivíduos, apresentou achados semelhantes em relação à independência funcional, em que 19,2% dos pacientes eram independentes e 57,7% possuíam uma dependência moderada (AZEREDO, 2003). Apesar de neste estudo apresentado a Independência Modificada apresentar uma porcentagem maior de pacientes em relação ao verificado no estudo de Portugal, deve-se considerar que a classificação de escore dos estudos são diferentes.

A BDI obteve uma média de distribuição de 17,75 pontos. Não foram encontrados na literatura estudos que utilizassem o BDI para avaliação de sintomas depressivos em pacientes pós-AVC, mas em outros estudos utilizando este protocolo para avaliar sintomas depressivos em pacientes com doenças crônicas e incapacitantes, assim como o AVC, observou-se uma associação considerável.

4 CONCLUSÃO

Este estudo trouxe informações bastante significativas sobre a relação existente entre a perda da capacidade funcional e sintomas depressivos apresentados por pacientes pós AVC para área da saúde na Reabilitação Física e principalmente para Terapia Ocupacional. Apesar de não existir uma correlação forte e significativa entre os sintomas depressivos e a perda da capacidade funcional, este estudo sugere com os dados apresentados, que esta situação se faz presente.

Ainda não há na literatura existente estudos de coorte expressivos que indiquem esta relação e que não deixem a dúvida de que os sintomas depressivos possam surgir tanto pela perda da capacidade funcional ou pela localização da lesão encefálica. Os estudos descritos apresentam panoramas confusos em relação às características clínicas da depressão pós-AVC, o que também é verificada na questão da etiopatogenia (SILVA, 2005).

5 REFERÊNCIAS

AZEREDO, Zaida; MATOS, Eduarda. **Grau de Dependência em doentes que sofreram AVC**. RFML 2003; Série III; 8 (4):199-204.

FALCÃO, Ilka V., Carvalho, Eduardo M., Barreto, Kátia M., Lessa, Fábio J., Leite, Valéria M. **Acidente vascular cerebral precoce: implicações para adultos em idade produtiva atendidos pelo Sistema Único de Saúde**. Ver. Bras. Saúde Matern. Infant. 2004, Recife; 4 (1): 95-102, jan./mar.

MACHADO, Carla J., Perpétuo, Ignez H., Camargo, Mirela C. **Expectativa de vida com incapacidade funcional em idosos de São Paulo, Brasil**. São Paulo: Rev. Panam Salud Publica 2005; 17 (5-6): 379-386.

OMS, **Promovendo qualidade de vida após Acidente Vascular Cerebral: Um guia para fisioterapeutas e profissionais de atenção primária à saúde**. POA: Artmed, 2003

SILVA, Carlos Eduardo R., BRASILI, Marco Antonio A., ANDRÉ, Charles. **Depressão pós-acidente vascular cerebral: Prevalência, curso, diagnóstico e psicopatologia**. Rio de Janeiro: J. Bras. Psiquiatria 2005; 54 (4): 318-326.

TEIXEIRA, Érika, SAURON, Françoise N., SANTOS, Lina S. B., OLIVEIRA, Maria Cristina. **Terapia Ocupacional na Reabilitação Física – AACD**. São Paulo: Roca, 2003.